

8.01.01 - Linguística / Teoria e Análise Linguística  
**UM ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM POLITICAMENTE CORRETA**

Amanda Reis de Castro<sup>1\*</sup>; Dylia Lysardo- Dias<sup>2</sup>

1. Estudante do curso de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
2. Professora do Departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ/Orientadora

### Resumo

A pesquisa analisa as várias acepções da categoria “linguagem politicamente correta”, comparando o uso dessa categoria nas seguintes matérias jornalísticas, veiculadas em uma plataforma *online*: “Os homens fracassaram redondamente, diz Ziraldo”, “Topless, politicamente incorreto e retrospectiva no desfile da Ellus”, “Politicamente correto pode esconder o mundo real das crianças” e “Viva a língua brasileira’ no Sempre um Papo”. Foi realizado um mapeamento do debate entre alguns linguistas que discutem a referida categoria, sendo constatado que não há um consenso entre os teóricos sobre a pertinência e a validade dessa categoria. A análise das matérias jornalísticas mostrou ainda que a questão do politicamente correto se faz presente em outros campos que não o da linguagem, tais como política, saúde e moda. A conclusão é a de que, de qualquer forma, o politicamente correto, na linguagem ou em outros domínios, mobiliza questões éticas e normas sociais, e situa-se no campo das inscrições ideológicas.

**Palavras-chave:** performatividade; política linguística; ideologia

**Apoio financeiro:** CNPq

**Trabalho selecionado para a JNIC:** UFSJ

### Introdução

Assumimos que a discussão da categoria “linguagem politicamente correta” é pertinente à luz da constatação de John Austin (1990) de que o dizer é uma ação social. Sendo assim, “intervir na linguagem significa intervir no mundo” (RAJAGOPALAN, 2000, p.102). Austin (1990), em uma compreensão pragmática de estudo da linguagem, inaugura uma perspectiva de análise da linguagem em uso, refletindo sobre os atos de fala e desconsiderando a descrição como caráter único da língua. Pensar a linguagem em uso significa levar em conta as situações de comunicação e os diferentes espaços de fala, que são marcados ideologicamente.

Para o campo da linguagem, o estudo sobre o politicamente correto mostra-se pertinente, uma vez que mobiliza diferentes posicionamentos entre os estudiosos da linguagem, cada um baseado em uma concepção diferente de linguagem. A análise desses diferentes posicionamentos é importante, já que revela perspectivas distintas acerca da língua/linguagem, o que amplia o estudo da categoria e mostra como a linguagem é um objeto multifacetado. Para além dos estudos linguísticos, consideramos a discussão acerca do “politicamente correto” importante, já que se trata de um termo constantemente abordado em diferentes espaços, como meios de comunicação, instituições jurídicas e debates políticos. É importante discutir a associação do termo às diferentes inscrições políticas-ideológicas dos sujeitos sociais que se manifestam sobre o “politicamente correto”, por revelar que ideologia e linguagem são inseparáveis.

O objetivo geral foi analisar a categoria “politicamente correto” a partir do estudo de quatro matérias jornalísticas veiculadas em uma plataforma *online*. Os objetivos específicos foram: identificar a representação de língua/linguagem subjacente aos usos do termo politicamente (in)correto; analisar as diferentes concepções da categoria “politicamente correto” comparando-as em termos de inscrição políticoideológico; apontar os mecanismos argumentativos implícitos mobilizados quando do uso da categoria politicamente (in)correto.

### Metodologia

Primeiramente, foram feitas a leitura e o fichamento das obras Quando dizer é fazer (AUSTIN, 2009) e Pragmática da Violência (SILVA, 2010), afim de compreendermos a área de conhecimento linguístico que sustenta as discussões do tema da pesquisa, a pragmática. Era preciso buscar bases teóricas para fundamentar a análise dos dados.

Em um segundo momento, foi realizada uma pesquisa nas plataformas *online* a partir da palavra-chave “politicamente correto”, sendo selecionados treze textos de sujeitos sociais que ocupam diferentes lugares de fala, para leitura e fichamento. Esses textos discutem o politicamente correto dentro de diferentes campos, tais como: estudos da linguagem, política, estudos sociais e jornalismo. Na sequência, os textos foram classificados conforme o posicionamento (contra ou a favor) e foram identificados e explicitados os argumentos que fundamentam cada posicionamento dos diferentes sujeitos no debate do politicamente correto. Em seguida, foi realizada a análise dos quatro textos jornalísticos, “Os homens fracassaram redondamente, diz Ziraldo”, “Topless, politicamente incorreto e retrospectiva no desfile da Ellus”, “Politicamente correto pode esconder o mundo real

das crianças” e “Viva a língua brasileira’ no Sempre um Papo”. Esse conjunto de textos foi obtido no site “Uai” após busca pelo termo “politicamente correto”, conforme previsto no projeto da pesquisa.

Finalmente, foram analisados os argumentos utilizados para defender ou detratar a categoria “politicamente correto”, tendo em vista sua articulação com questões sociais e históricas.

## Resultados e Discussão

No primeiro texto analisado, “*Os homens fracassaram redondamente, diz Ziraldo*”, é possível observar, oscilações entre duas posições do cartunista Ziraldo durante toda a entrevista. A partir disso, o principal questionamento que vem à tona é: se Ziraldo assume que a luta feminista é importante, e percebe a necessidade de criar uma protagonista feminina, por que não entende a sua própria atitude pertencente a uma pauta do PC, uma vez que tornou sua obra mais representativa das questões de gênero ao colocar um elemento de um grupo minoritarizado em foco? Pode haver, então, uma contradição.

Segundo Soares (1999), os argumentos de repúdio ao PC, que já estão colocados socialmente como (pre)conceitos, contribuem para que a proposta do PC não seja compreendida e discutida.

Ziraldo, ao atender um pedido de uma jovem fã e escrever o livro “Meninas”, está projetando o que Silva (2010) coloca como um novo modo de compreensão no mundo, sendo esse processo uma proposta do PC, ainda que o autor não se dê conta. Por definir o politicamente correto como algo a ser combatido, Ziraldo não demonstra perceber que a linguagem politicamente correta serve para “conscientizar os usuários da língua de um certo fenômeno linguístico que apenas reflete e consagra uma prática social de discriminação” (RAJAGOPALAN, 2000, p. 101), e por isso o conteúdo e um dos possíveis efeitos de sentido da sua obra “Meninas” entram em contradição com sua posição a respeito do que se configura “empoderamento” e “politicamente correto”.

No segundo texto discutido, “*Topless, politicamente incorreto e retrospectiva no desfile da Ellus*” os fatos que compuseram o desfile e que foram considerados provocações ao PC pela notícia, parecem querer reforçar o direito de exercer a liberdade de expressão sem se preocupar com as problematizações. Contudo, é importante salientar que a liberdade de expressão “não pode ser tomada como um valor absoluto, que permita inclusive que crimes, como o racismo e a injúria racial, sejam praticados em seu nome.” (FERES, 2013, p.91)

O que é interessante de ser observado acerca do PC, quando trabalhado fora do campo da linguagem, é como ele se torna um termo relacionado a diferentes comportamentos e eventos. Nesses casos, o PC é associado a posturas e modos de agir que correspondem a certas normatizações culturais.

A notícia analisada aponta fatos considerados politicamente incorretos no desfile de moda da marca Ellus. Já o site Glamoura publicou, em 9 de maio de 2018, uma notícia intitulada “Primeiro dia do festival de Cannes 2018 foca no politicamente correto”. Na notícia, o que é considerado PC é uma atriz usar um vestido de uma marca sustentável ou usar um vestido que já tinha vestido em outro evento. Sendo assim, aqui o PC é vinculado ao não consumismo e ao combate da chamada *fast-fashion*.

A conclusão é que a acepção do que é PC varia muito nos diferentes campos em que é empregado.

No terceiro texto trabalhado, “*Politicamente correto pode esconder o mundo real das crianças*”, Alejandria Losasso de Entenza, que é apresentada como mãe, concorda com a opinião das duas especialistas entrevistadas, de que as escolhas ditas “politicamente corretas” na criação de seus filhos podem esconder o mundo real das crianças.

É interessante constatar que as atitudes classificadas como “politicamente corretas” são aquelas que se relacionam com comportamentos considerados contestadores do *status quo*. A questão da alimentação, levantada na notícia, é um bom exemplo disso: a ingestão de alimentos industrializados contribui para o alarmante número de crianças obesas. Sendo assim, a opção colocada como politicamente correta na notícia é não fornecer alimentos industrializados para uma criança. Contudo, como explicita o linguista Rajagopalan “mesmo aqueles que nem sequer chegaram a pensar sobre o assunto em profundidade se sentem obrigados a se posicionarem contra toda a “onda” do politicamente correto, como se não declarar o seu repúdio fosse, em si só, um gesto no mínimo retrógrado ou próprio de quem está alienado”. (RAJAGOPALAN, 2010, p.93)

Em paralelo, a notícia apresenta a posição de Janúbia Souza Capiberibe, também identificada como mãe, que entende que o PC na criação de sua filha está presente na formação de sua inteligência emocional. Como se pode notar, a notícia não apresenta uma visão única do que seja o PC.

No último texto selecionado, “*Viva a língua brasileira’ no Sempre um Papo*”, o autor, Sérgio Rodrigues, focaliza o que ele chama de exageros cometidos pela linguagem politicamente correta: “O pensamento politicamente correto deu contribuições interessantes ao campo da linguagem, mas há claros excessos.” Sobre esses possíveis exageros, Neves (2014) afirma que o PC pode governar de forma desequilibrada as avaliações do uso linguístico. Sérgio Rodrigues, então, exemplifica o que ele coloca como exagero: “Vejo a briga contra o gênero masculina neutro com reserva. Acho que a energia gasta nesse tipo de luta simbólica daria resultados incomparavelmente melhores se fosse empregada nas lutas reais das mulheres por igualdade de salários, de oportunidades, contra o estupro, contra a violência e assim por diante”.

Essa afirmação explicita a noção de luta simbólica e luta real. Para Lacan (1953), a linguagem é o simbólico, logo a luta simbólica pode ser pensada como luta da linguagem. O entrevistado afirma que a tentativa de superação de assimetrias sociais deve sair apenas dos debates desse campo, para de fato conquistar avanços. Contudo, Rajagopalan (2000) considera que intervir na linguagem significa intervir no mundo, logo, podemos pensar que uma relação constitutiva entre ambas as lutas é estabelecida, isso porque a língua é prática social. Portanto, o que Sérgio Rodrigues coloca como luta simbólica e luta real são interdependentes.

## Conclusões

Após a esquematização dos processos realizados e análise dos resultados obtidos, podemos afirmar que os objetivos propostos foram alcançados. Primeiramente, concluímos que a categoria “linguagem politicamente correta” mobiliza um debate sem consenso dentro dos estudos linguísticos, mas a posição dos linguistas a seu respeito se dá em consonância com a concepção de linguagem que cada um tem.

Como dito anteriormente, os linguistas que defendem o PC, no caso, Rajagopalan (2000) e Silva (2010), compartilham da noção pragmaticista da língua/linguagem, assumindo o discurso como forma de ação; logo, para eles, a linguagem politicamente correta possui potência de projetar e mobilizar mudanças das práticas preconceituosas na sociedade.

Em contrapartida, estudiosos como Borges (1996), Possenti (2006), Baronas (2006) e Neves (2014) não demonstram acreditar que mudar determinadas nomeações podem de fato gerar efeito concreto. Eles ainda defendem que a linguagem politicamente correta é uma proposta que cerceia a liberdade de expressão.

Concluímos, também, que a categoria PC é constantemente empregada e discutida fora do campo dos estudos da linguagem, sendo relacionada a comportamentos, políticas públicas, estilo de vida. Talvez por esse motivo, a discussão sobre a categoria em programas televisivos, plataformas de notícias, redes sociais e afins é tão presente. No campo do comportamento, o PC é associado a atitudes comprometidas com debates sociais preocupadas com as reivindicações de grupos minoritarizados e militantes; sendo assim o PC é visto como uma via de problematização e desconstrução de certas realidades. No meio político, o PC é colocado como posicionamento de esquerda e alude a discussões sobre questões identitárias, como identidade de gênero, educação sexual e direitos humanos.

Consideramos que a pesquisa desenvolveu significativas reflexões no que diz respeito ao PC por mostrar que perpassa vários campos da vida social, envolve diferentes sujeitos e que há várias acepções para o termo. Assim, a linguagem mostra sua importância nos cenários de disputa e luta social e sua dimensão ideológica.

## Referências bibliográficas

- AUSTIN, John Langshaw. Quando dizer é fazer. Palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV) (1929). Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BORGES, Luiz Carlos. A busca do inencontrável: uma missão politicamente (in) correta. Cadernos de estudos linguísticos, v. 31, 1996, p.109-125.
- CASTRO, Alex. Politicamente Correto, uma defesa. Disponível em: <www.papodehomem.com.br>. Acesso em: dezembro de 2018
- ERA. Dicionário online Dicio, julho 2018. Disponível em < <https://www.dicio.com.br> >. Acesso em 03 julho. 2018.
- FERES JÚNIOR, João, et alii. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 56, no 1, 2013, p. 69-108.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 2004.
- LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real. De los nombres del padre, p. 11-64, 1953.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Do “politicamente correto” ao incorretamente polido. D.E.L.T.A., 30.1, 2014, p 137-160
- POSSENTI, Sírio; BARONAS, Roberto Leiser. A Linguagem Politicamente Correta no Brasil: Uma Língua De Madeira ?. Polifonia, v. 12, n. 12 (2), 2006, p.42-72.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem “politicamente correta”. O direito à fala: a questão do preconceito linguístico. Florianópolis: Insular, 2000, p. 93-111.
- SILVA, Daniel do Nascimento. Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.
- SOARES, Luiz E. Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. Filosofia analítica, pragmatismo e ciência. Belo Horizonte: editora da UFMG, 1998, p.217-238